

‘And do accept my madness’:
Os Poetas e a Psicologia na Inglaterra de Oitocentos
PAULA ALEXANDRA V. R. GUIMARÃES¹
paulag@ilch.uminho.pt

As relações entre a literatura e as ciências da mente têm constituído uma das áreas mais prósperas dos estudos interdisciplinares nos últimos anos e uma reconsideração da sua história partilhada durante o século XIX inglês revela conexões surpreendentes entre ambas. Esta comunicação examina a forma como certos poetas vitorianos escreveram sobre a mente humana e os seus processos, detetando uma tensão latente entre as teorias psicológicas e metafísicas acerca da subjetividade. As raízes da escola vitoriana de poesia psicológica podem ser encontradas sobretudo na vida e na obra dos jovens poetas A. Tennyson e R. Browning e nos seus monólogos dramáticos. O interesse do primeiro destes pela análise detalhada dos estados de loucura e histeria (masculina e feminina), confirmando a popularidade da sua escrita entre os psicólogos, foi ensombrado pelo seu medo pessoal de perda da sanidade mental. O fascínio aberrante do segundo destes pelo escrutínio da mente criminosa, maquiavélica e ou manipuladora levou-o, por sua vez, à pesquisa de casos sensacionalistas nos arquivos históricos europeus. O ‘argumento psicológico’ seria, depois, alargado à segunda geração de poetas e monologistas vitorianos, nomeadamente a M. Arnold e à sua *malaise* ou ‘estranha doença da vida moderna’, e também às ‘dramatizações do perverso’ de A.C. Swinburne, tendo este argumento sido profundamente alterado e até questionado no final do século.

Poesia, psicologia, Tennyson, Browning, Arnold, Swinburne

‘And do accept my madness’:
The Poets and Psychology in Nineteenth-century England

The relationship between literature and the sciences of the mind has been one of the most prosperous areas of interdisciplinary studies in the recent years and a reconsideration of their shared history during nineteenth-century England reveals surprising connections between them. This paper examines how certain Victorian poets wrote about the human mind and its processes, detecting a latent tension between the metaphysical and psychological theories about subjectivity. The roots of the psychological school of Victorian poetry can be found mainly in the life and work of the young poets A. Tennyson and R. Browning, and their dramatic monologues. The interest of the first of these for the detailed analysis of states of madness and hysteria, confirming the popularity of his writings among psychologists, was overshadowed by his personal fear of loss of sanity. The aberrant fascination of the second of these for the scrutiny of the criminal, Machiavellian or manipulative mind, led him, in turn, to research sensational cases in the historical archives of Europe. The 'psychological argument' would then be extended to the second generation of Victorian poets and monologists, including M. Arnold and his *malaise* or 'strange disease of modern life' and the 'dramatizations of the perverse' of A.C. Swinburne, an argument which would be profoundly altered and even questioned at the end of the century.

Poetry, psychology, Tennyson, Browning, Arnold, Swinburne

¹ Professora Auxiliar no Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos e investigadora no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

*We poets in our youth begin in gladness;
But thereof comes in the end despondency and madness*

William Wordsworth

Uma das primeiras obras escritas no contexto inglês sobre esta temática foi, como sabemos, *The Anatomy of Melancholy* de Robert Burton, datada do século dezassete.² Aliás, como sintoma ou patologia mental, a melancolia seria analisada e representada por muitos artistas e poetas ingleses, tendo-se transformado num importante conceito estético.³ O trabalho de Alan Richardson sobre o Romantismo britânico e as ciências da mente (*British Romanticism and the Science of the Mind*), de 2001, veio chamar a atenção para a importância da ciência neurológica precoce no estudo do Romantismo. Assim, o ponto de partida para uma narrativa do desenvolvimento do interesse do século XIX nos processos do inconsciente ocorre com as explorações poéticas dos poetas românticos do início do século, nomeadamente W. Wordsworth e S. T. Coleridge.⁴ Por sua vez, as especulações de Thomas De Quincey sobre o armazenamento inconsciente de memórias em *Suspiria de Profundis* (1845) e a famosa sequência de notas sobre sonho, alucinação e vício reunida em *Confessions of an English Opium-Eater* (1821), antecipariam as ideias de S. Freud sobre o inconsciente.⁵

Na Inglaterra de meados do século dezanove deu-se, no entanto, uma importante mudança concetual na compreensão da mente humana como algo de físico e passível de ser observado, analisado, classificado e tratado. O impacto, nomeadamente, de teorias fisiológicas e da frenologia (então muito em voga)⁶ fez-se sentir de forma acentuada nas concepções acerca da identidade e da subjetividade. Os principais instrumentos desta ciência emergente consistiam simultaneamente na análise introspectiva e no materialismo empírico, sendo que, na década de 50 de oitocentos, esta tendência desembocou na formação da psicologia britânica como disciplina científica discreta. Por outro lado, entre os anos de 1830 e 1870, os poetas vitorianos empregaram estratégias específicas no sentido de submeterem a mente humana a uma análise psicológica sem precedentes. A questão de como a mente *constrói* e é por sua vez *construída* pela poesia foi talvez o debate mais aceso da poética oitocentista. Poetas como Tennyson, Browning, Arnold e Swinburne fizeram uso de uma variada gama de géneros e formas para poderem estudar de perto os processos mentais: quer explorando as suas próprias mentes através do verso lírico, quer dissecando a mente dos seus falantes no monólogo dramático, quer ainda escrevendo poemas épicos e/ou filosóficos que apresentam registos completos de fenómenos psicológicos.

² Este clássico da prosa em língua inglesa (1621) é um estudo filosófico, médico e histórico sobre a natureza da melancolia e do que hoje designamos por estados depressivos. O conjunto da obra ocupa-se da descrição e classificação dos diferentes tipos de melancolia, das várias curas para a melancolia como estado clínico – e, finalmente, de certos tipos de melancolia mais abordados pela literatura, como os de natureza amorosa ou religiosa.

³ Esta tradição clínica começa com Aristóteles, continua com Burton e, mais recentemente, surge nas obras de Freud, Julia Kristeva e alguns psicólogos que têm considerado os problemas da criatividade artística. O Renascimento tem sido considerado como a "idade de ouro da melancolia". Durante o período Romântico, artistas e escritores novamente glorificaram a experiência da melancolia, associando-a a um dos seus conceitos estéticos centrais, a do sublime. De acordo com estes, a experiência do prazer não seria diminuída, mas intensificada, pelo conhecimento da tristeza. Na sua *Ode on Melancholy*, Keats descreveu o seu surgimento "repentino do céu como uma nuvem chorando", encorajando os seus leitores a "provar a tristeza da sua força". No seu ensaio, *Luto e Melancolia*, Sigmund Freud descreveria a condição como um transtorno narcisista resultante do sentimento de perda.

⁴ Ao longo da sua vida adulta, Coleridge sofreu de crises incapacitantes de ansiedade e depressão (ver *Dejection: an Ode*), tendo sido especulado que ele sofria de transtorno bipolar. Coleridge começou a descrever o seu caso em linhas psicológicas em 1803, seguindo um modelo fornecido por Beddoes. Coleridge acreditava que os seus sintomas nervosos eram causados psicicamente, tendo passado vários anos a examinar minuciosamente a sua consciência e a detalhar os resultados nos seus *notebooks*.

⁵ Na sua *Iliada* de sofrimentos, ou ao relatar as dores do ópio, De Quincey chama a atenção do leitor para a irregularidade da sua narrativa e o carácter excessivamente pessoal da sua prosa, a respeito do qual Freud irá comentar em *Escritores Criativos e Devaneio* (1908 [1907]), distinguindo o relato das experiências pessoais de um indivíduo da narrativa de um escritor criativo.

⁶ A frenologia consistia no estudo da estrutura do crânio de modo a determinar o carácter das pessoas e a sua capacidade mental. Esta pseudociência baseava-se na falsa assunção de que as faculdades mentais estão localizadas em 'órgãos' cerebrais na superfície daquele, podendo ser detetados por inspeção visual do crânio. O físico vienense Franz-Joseph Gall (1758-1828) afirmou existirem 26 'órgãos' na superfície do cérebro afectando o contorno do crânio.

A década de 50 foi, de facto, prolífera na publicação de importantes tratados e periódicos sobre a mente humana, nomeadamente *Philosophical Inquiries* (1854) de Benjamin Brodie, o *Journal of Psychological Medicine and Mental Pathology* (1848) e o *Asylum Journal of Mental Science* (1853). O primeiro destes pretendia demonstrar as relações mútuas e estreitas entre a fisiologia e a psicologia humanas ('physical organisation' and 'mental faculties'). A este propósito, a crítica literária mais recente, entre a qual a de Jason Rudy, tem acentuado igualmente o carácter fisiológico da poesia e da poética vitorianas, e nomeadamente os casos de A. C. Swinburne e Mathilde Blind.⁷ Este crítico distingue entre um modelo mais intelectualista que via a poesia como atuando sobre o 'cérebro pensante' e outro modelo, o fisiológico, que via as sensações corporais como determinantes na produção poética. Na prática, no entanto, estes dois modelos coexistiam, e por vezes no mesmo poeta (como é o caso de Tennyson). Um importante proponente da psicologia fisiológica foi o crítico George Henry Lewes que, em 1876, descreveu a mente humana como um produto complexo da combinação de forças fisiológicas, sociais e históricas.⁸ Esta intrínseca mutabilidade da mente foi essencial para o estabelecimento de dois outros importantes conceitos psicológicos: o de *fragmentação* e o de *mudança*. Não é, assim, por acaso que vários poemas longos vitorianos fazem uso de formas fragmentadas e/ou seccionadas para representarem uma correspondente divisão ou fragmentação mental.

A visão do sujeito como um fenómeno contingente, moldado por condições somáticas e terrenas, que tinha resultado das investidas do empirismo e do associacionismo de Hume, Hartley e Mill, afectou poetas e psicólogos e foi acompanhada por uma conseqüente mudança terminológica de 'alma' para 'mente' nos seus textos, restringindo o uso do metafísico e do transcendente à religião propriamente dita.⁹ Embora este ceticismo signifique que os poetas vitorianos raramente ou nunca consigam oferecer uma resolução definitiva para o conflito entre a mente e a alma nos seus poemas, esta contenda representa na realidade a motivação temática para a análise da experiência psicológica por eles feita. De facto, a inevitável sobreposição dos modelos físicos e metafísicos da natureza humana durante o período inicial influenciou quer a linguagem quer a atitude intelectual assumida pelos poetas vitorianos. Isto mesmo é detetável no poema mais precoce de Tennyson, "Timbuctoo" (1829), onde o sujeito equipara o seu pensamento a um verdadeiro 'labirinto' e onde a sua mente é 'dividida', 'paralisada' e 'dilacerada' sempre que este tenta analisá-la. O vocabulário frequentemente partilhado por poetas e psicólogos durante este período constitui, além do mais, prova das estreitas ligações discursivas entre literatura e psicologia, encarnadas na pessoa de Lewes, que foi crítico literário e teorizador de psicologia.

Nos seus primeiros poemas, publicados na década de 30 de oitocentos (entre os quais, *Madhouse Cells*), Alfred Tennyson e Robert Browning, conceberam uma poesia auto-analítica de reflexão que participava de uma cultura introspectiva crescente no Reino Unido e que foi determinante para a evolução quer da poética quer da psicologia oitocentistas. Da autoria do primeiro, o poema com o sugestivo título de "Supposed Confessions of a Second-Rate Sensitive Mind" (inserido em *Poems, Chiefly Lyrical*) é um monólogo em que o falante afirma sofrer profundamente com a sua fragmentação mental e que termina com a seguinte afirmação: "not in unity with itself". O falante não pode deixar de se analisar ("Shall we not look into the laws / Of life and death, [...] / [...] and analyse / Our double nature") e o seu relato antecipa claramente as teorias acerca do inconsciente humano que só se desenvolveriam

⁷ Ver "Rapturous Forms: Mathilde Blind's Darwinian Poetics" *Victorian Literature and Culture* 34, (Fall 2006), 443-59, e "Rhythmic Intimacy, Spasmodic Epistemology" *Victorian Poetry* 42, Winter 2004, 451-72.

⁸ Entre as obras publicadas por Lewes incluem-se as seguintes: *Physiology of Common Life* (2 vols., 1859-1860); *The Physical Basis of Mind* (1877); *Study of Psychology and Mind as a Function of the Organism* (2 vols., George Eliot Editor, 1879).

⁹ O associacionismo e, em particular, as teorias avançadas por James Mill em *Analysis of the Phenomena of the Human Mind* (1829), foi uma corrente muito influente durante os meados do século dezanove. Traços do conceito associacionista de uma 'mente mutável' podem ser frequentemente encontrados na poesia do período.

bastante mais tarde no século. A capacidade analítica de Tennyson acabaria por ser unanimemente reconhecida: “he seems to obtain entrance into a mind as he would make his way into a landscape; he climbs the pineal gland as if it were a hill” (William Fox).¹⁰ A psicologia dos falantes de Tennyson parece, além do mais, residir na própria ‘organização física’ deles pois o poeta “takes their senses, feelings, nerves, and brain, along with their names and local habitations” (Fox 531).

O primeiro poema que foi publicado por Browning, *Pauline* (1833), faria por sua vez uso de conceitos associacionistas e de estratégias auto-analíticas para apresentar a mente como ‘o verdadeiro e essencial universo’ de interesse poético.¹¹ Trata-se de uma tentativa de ganhar autoconhecimento e autodefinição, mostrando na sua ‘auto estética’ um pouco do que o poeta é, e muito do que ele talvez não deseje ser.

I am made up of an intensest life,
Of a most clear idea of consciousness
Of self – distinct from all its qualities,
From all affections, passions, feelings, powers; (268-71)

Instado a cantar por Pauline, a qual é de certa forma identificável com o *eu* empírico, o *eu* estético não fala de “truth and love” (87) mas de “struggling aims” (811) e de “all the wandering and all the weakness” (125-26). O poema é um registo da crescente disjunção entre o ser estético e o ser empírico, o qual será “the first to deny all, and despise / This verse, and these intents which seem so fair” (991-92). Aqui, Browning busca vicariamente a autodefinição, examinando a alma/mente na sua relação com a poesia, o amor e a religião.

I strip my mind bare – whose first elements
I shall unveil – [...]
[...]
That I am grown above them, and can rule them,
[...]
And then I shall show how these elements
Produced my present state, and what it is. (260-7)

O falante, um jovem poeta, expõe as falhas e fraturas dentro da sua psique, mas a exploração que ele faz dos seus processos mentais acaba por minar a sua autoconfiança (“A mind like this must dissipate itself”). Browning usa a linguagem do poema para revelar algo mais acerca do seu estado mental, indo para além do que o seu falante deseja. Os diversos parágrafos em verso questionam-se e contradizem-se repetidamente, sugerindo um estado psicológico mutável e divisivo e uma incapacidade de controlo da sua mente. O famoso comentário crítico de John Stuart Mill colocaria o dedo na ferida do poeta: “this writer seems to me possessed with a more intense and morbid self-consciousness than I ever knew in any sane human being”.¹² E, de facto, o efeito final do seu discurso consiste, segundo Isobel Armstrong, em deixar o falante no estado de “fragmented victim of psychological moments” (*Victorian Poetry, Poetics and Politics* 148).

¹⁰ O ensaio crítico de William Johnson Fox, “Tennyson - Poems, Chiefly Lyrical - 1830”, dá à poesia uma nova vida e propósito e analisa os versos de muitos dos poemas de Tennyson. O ensaio de Fox essencialmente estabelece e valida a necessidade da poesia vitoriana. Ele vê a poesia como estando em sintonia tanto com o homem como com a natureza – e como um aspeto central de ambos. Ele escreve: “poetry is...essential to...nature itself; it is part and parcel of his [man’s] constitution; and can only retrograde in the retrogradation of humanity” (531).

¹¹ Tradicionalmente, o poema *Pauline* foi classificado como lírico e subjetivo. Críticas recentes tendem, pelo contrário, a sustentar que o poema é dramático e impessoal, e que representa “a vida interior de uma personagem, não a do próprio poeta.”

¹² *Appendix E: Browning’s Pauline (1833)* - John Stuart Mill, *The Collected Works*.

Estes primeiros poemas analíticos iriam preparar o terreno para o desenvolvimento de uma nova forma poética – o monólogo dramático; uma forma que “se oferece como um encontro encenado entre a confissão lírica e o diagnóstico crítico, o som de alguém a pensar e a apreciação ponderada desses pensamentos” (Douglas-Fairhurst, *Victorian Afterlives*, 2002). Os psicólogos emergentes encontraram nos textos escritos nesta forma poética uma ilustração perfeita do método que eles próprios pretendiam implementar quer na sua investigação quer na sua prática médica. Por exemplo, G. H. Lewes, o psicólogo fisiologista que trabalhava dentro da tradição associacionista, cita um verso retirado do poema “Ulysses” de Tennyson – “I am a part of all that I have met” – para comprovar que a psicologia de cada um pode ser determinada por condições ambientais e que “I am the product of all that I have felt” (citado em Tate, 42-3). Este acordo entre a poesia vitoriana e a ciência psicológica seria corroborado mais tarde numa carta que Herbert Spencer envia a Tennyson a propósito do poema deste intitulado significativamente “The Two Voices” (1833), no qual o influente filósofo deteta uma afinidade com as suas teorias enunciadas, duas décadas mais tarde, em *The Principles of Psychology* (1855).¹³ A sua carta demonstra claramente que a análise da mente incluída na poesia inicial de Tennyson tinha o potencial de ser interpretada, no século dezanove, como um contributo para o estudo da psicologia.

O que Spencer talvez não soubesse é que durante a composição daquele poema, Tennyson tinha estado especialmente preocupado com os problemas mentais que afetavam a sua família: primeiramente seu pai e, depois, um dos irmãos (o qual acabou por ser internado num hospício para o resto da vida). O poema inclui um diálogo entre um falante deprimido e uma insidiosa voz interior que apela ao suicídio, no qual aquele se compara aos homens que “From cells of madness unconfined, / Oft lose whole years of darker mind” (371-2) e em que a voz sarcasticamente retorque “Sick art thou – a divided will” (106). Esta divisão está inscrita na sintaxe do verso, sugerindo a quebra literal em duas subjetividades distintas. A linguagem de “The Two Voices” invoca a mente evanescente e em transe, ao mesmo tempo que a forma dialógica do poema impede a integridade psicológica e faz da fragmentação da mente o seu princípio estruturante e a sua preocupação central. Coincidentemente, durante a década seguinte (de 40), verificou-se um desenvolvimento das teorias vitorianas da ‘dupla consciência’, inauguradas pelo médico neurologista Henry Holland na sua obra *Medical Notes and Reflections* (1839); para este, a dupla consciência resultaria de uma falha patológica que impediria os dois hemisférios cerebrais de trabalharem conjuntamente.

Por sua vez, Browning fez da carreira como poeta a escrita de poemas que refletem, de forma direta ou indireta, acerca das operações do pensamento humano. Na verdade, ele parece considerar o pensamento e a linguagem como os únicos meios de representação, elucidação e exploração da mente. O comentário crítico de Oscar Wilde a este propósito é bastante elucidativo deste especial interesse ou fascínio do poeta:

[...] it was not thought that fascinated him, but rather the *processes* by which thought moves. It was the *machine* he loved, not what the machine makes. The *method* by which the fool arrives at his folly was so dear to him as the ultimate wisdom of the wise. So much, indeed, did the subtle *mechanism of mind* fascinate him that he despised language, or looked upon it as an incomplete instrument or expression.¹⁴

O interesse de Browning nos processos mentais dos seus falantes surge de forma alargada num dos seus mais complexos poemas, *Sordello* (1834-40), sobre um poeta italiano do século XIII que entra em colapso psicológico após uma violenta rivalidade com outro artista (“Piece

¹³ A obra que Spencer envia a Tennyson é na realidade um estudo materialista da psicologia, apresentando a mente como o produto ou resultado da evolução fisiológica. Dado que o poeta não enviou uma resposta a Spencer, podemos concluir que ele não terá ficado igualmente impressionado com a mesma.

¹⁴ Wilde em “The True Function and Value of Criticism” (1890). Esta é a primeira versão publicada do ensaio que apareceu em *Intentions* de 1891.

after piece that armour broke away”, 588). O fascínio do poeta por esta mente contingente e vulnerável está patente na construção binária físico/metafísico, escondido/revelado; até que os sentidos do falante entram em sobrecarga e quebram sob a força da sua própria intensidade:

[...] in his brain
Noises grew, and a light that turned to glare,
And greater glare, until the intense flare
Engulfed him, shut the whole scene from his sense. (II, 106-9)

Apesar de tudo, uma geração mais nova de poetas viria a mostrar-se bastante mais cética e crítica em relação às tendências introspectivas que se estavam a tornar predominantes na poesia britânica. Um destes foi o poeta e crítico cultural Matthew Arnold (1822-88), o qual apresenta o falante-filósofo do seu drama em verso, intitulado *Empedocles on Etna* (1852), como uma vítima da introspeção excessiva ou obsessiva e que, incapaz de conciliar as forças opostas dentro de si, acaba por se suicidar (atirando-se para dentro do vulcão). O filósofo sofre devido à sua introspeção e argumenta que apenas a morte pode acabar com a turbulência psicológica do homem. Um outro poema publicado na mesma altura e significativamente intitulado “The Buried Life” surgiria como o epítome da poesia Arnoldiana de profundidade introspectiva: o poeta imagina uma “subterranean depth” (73) de interioridade que é o núcleo do ‘ser genuíno’ (36), o qual ele deseja explorar e cartografar mas que permanece sempre inacessível: “And many a man in his own breast then delves, /But deep enough, alas! None ever mines” (55-6). No entanto, o poema baseia-se na ideia de um insucesso latente já que qualquer tentativa de exploração da psique resulta invariavelmente num logro ou engano:

And long we try in vain to speak and act
Our hidden self, and what we say and do
Is eloquent, is well – but ‘tis not true! (64-6)

O ‘diálogo da mente consigo mesma’, a famosa frase de Arnold para caracterizar a tendência introspectiva excessiva do seu tempo (*Preface to Poems*, 1853), ameaça transformar o poeta e o leitor em ‘escravos do pensamento’ e, por volta desta altura, Arnold crê que a única forma de evitar isto seria a renúncia da análise poética da psicologia humana por completo.¹⁵

Em 1889, Tennyson escreveria um pequeno poema intitulado “Cephalis” que descreve metaforicamente o papel do cérebro na identidade e que curiosamente se refere a uma dualidade não só física (os dois hemisférios cerebrais) como mental: “I have got two wives, [...] and they dwell with me under a dome/ [...] One lives in a room to the left and one in a room to the right” (1-3). Nestes versos, Tennyson parece testar as implicações das teorias do cérebro duplo, populares durante grande parte do período vitoriano. As tensões que supostamente derivariam desta divisão só poderiam ser resolvidas pela influência unificadora da alma imaterial. O poema é uma versão mais comprimida dos debates psicológicos encenados, trinta anos antes, em *In Memoriam* (1850) e *Maud* (1855). Se o primeiro oscilava entre o cérebro e a alma, numa rivalidade nunca verdadeiramente resolvida, o segundo analisava um cérebro desordenado e uma mente tensa. A elegia em memória de Hallam descreve a transição do sujeito de uma longa fase de confusão e dúvida para uma outra de suposta revelação e fé.¹⁶ O monodrama descreve, por sua vez, a transição do falante de um

¹⁵ No seu "Prefácio à Edição de 1853 de *Poems*", Arnold pede uma poesia que enfatize a ação, não a morbidez romântica e a fixação sobre o sujeito. Ele parece querer que Empédocles salte um pouco mais cedo, antes que tenha enunciado tanto. A crítica é significativa na medida em que Arnold acusa o projeto romântico – que o seu próprio poema decalca – a tentativa romântica de superar vários tipos de alienação, como se tendo imolado e caído em colapso para dentro de si mesmo. Arnold diz que a poesia deve ser composta de ação num sentido bastante aristotélico – deve revelar algo universalmente válido sobre a natureza humana e as interações sociais.

¹⁶ No entanto, ao longo do poema, os processos neurofisiológicos são apresentados como sintomas da dor inerentemente causada pela vida e a alma imortal parece impotente para fazer melhorar ou desaparecer esse sofrimento.

estado verdadeiramente psicótico para um de aparente sanidade mental. Apesar das diferenças, ambos poemas partilham e exploram o tema da perda e do luto e os seus efeitos devastadores na mente do sujeito, assim como o fascínio do poeta pelo ‘cérebro inquieto’ face à dor vivida. Ambos os poemas extrapolam a mera expressão lírica e encenam de forma consciente e questionadora a crítica dos processos mentais dos seus enunciadores.

De acordo com Gregory Tate, em *The Poet's Mind* (2012), as ideias que ambos os poemas de Tennyson partilham podem ser encontradas num livro que claramente influenciou a escrita dos mesmos: o *Essay on the Classification of the Insane* (1837) do doutor Matthew Allen (17). O irmão do poeta tinha sido admitido voluntariamente no sanatório dirigido por aquele médico em Essex, onde o próprio poeta tinha passado temporadas. Segundo Tate, existem semelhanças extraordinárias entre a argumentação e fraseologia da teoria da mente defendida por Allen na sua obra e a abordagem psicológica usada por Tennyson em *In Memoriam* e *Maud* (17-18). A perspectiva de especialistas como Allen era que a loucura ou insanidade deveria ser encarada como uma doença orgânica e, como tal, medicada à semelhança das restantes doenças fisiológicas. Por outro lado, estava associada a certas condições sociais e culturais: “as infindáveis ansiedades e contradições” da vida moderna que produzem patologia mental e “divisão e discórdia social ” por todo o país: “One part of society, as well as one part of the mind, is at war with another” (Tate,18-19). Segundo Tate, este argumento antecipa as teorias evolucionistas da mente defendidas mais tarde por Lewes e Spencer, que salientariam o papel das condições ambientais e sociais na vida mental do indivíduo.

Nos poemas de Tennyson, este também emprega uma estrutura fragmentada (e uma grande variedade métrica) para expor e examinar as mudanças e divisões operadas na mente, enfatizando o modo como esses processos oscilam entre os limites da sanidade e da patologia. O falante de *Maud* (originalmente, *Maud, ou A Loucura*) posiciona-se como espetador aturdido dos seus próprios processos psicofisiológicos:

Plagued with a flitting to and fro,
A disease, a hard mechanic ghost
That never came from on high
Nor ever arose from below,
But only moves with the moving eye,
Flying along the land and the main –
[...]
Am I to be overawed
By what I cannot but know
Is a juggle born of the brain? (II, 81-90)

A análise psicológica do monólogo dramático reforça a ideia de que a vulnerabilidade do falante (agora encarcerado num hospício) e o seu sofrimento mental residem num defeito neurológico: “’Tis the blot upon the brain”. Na segunda parte do poema, o falante é assombrado pelo fantasma da sua amada falecida, mas não consegue determinar se esta aparição é real ou apenas o sintoma de uma doença psicológica “that *will* show itself without”. Por outro lado, o falante associa a sua auto-alienação ao seu sentimento de isolamento social:

And therefore splenetic, personal, base,
A wounded thing with a rancorous cry,
At war with myself and a wretched race,
Sick, sick to the heart of life, am I. (I, 362-5)

Maud associa a fragmentação psicológica do sujeito ao colapso da coesão social e à perda do sentido de comunidade na Grã-Bretanha contemporânea. No final, a recuperação do falante implicará uma rejeição da introspeção e um compromisso com a ação política. O alienista John Charles Bucknill elogiaria Tennyson pelo seu “wonderful psychological insight”, afirmando que poetas e psicólogos são “fellow-students in the most deeply absorbing objects of human interest” (*Asylum Journal*, 104).

A popularidade da escrita de Tennyson entre os psicólogos não se limitou a *Maud*. No mesmo ano da sua publicação, o livro de textos psicológicos de Alexander Bain, intitulado *The Senses and the Intellect*, citava precisamente o lamento presente num dos primeiros poemas de Tennyson, “Mariana” – “I am weary, weary, O God that I were dead!” Para Bain, este era um bom exemplo do sintoma de *ennui* (tédio, aborrecimento) característico em casos de ‘exaustão nervosa orgânica’.¹⁷ A disciplina de psicologia estava ainda no seu processo de formação na década de 50 e a poesia possuía comparativamente uma autoridade cultural e de diagnóstico superior à da ciência psicológica. Não era pois de admirar que o hábito de citar poetas para exemplificar ou validar as suas próprias teorias acerca da mente fosse uma estratégia comum entre os psicólogos emergentes.

Por sua vez, na sua obra, Robert Browning pondera frequentemente sobre qual o lugar da psicologia na poesia. Para ele, o papel do poeta é não só o de sondar os atos da fala mas também, e sobretudo, a ‘multitude’ de pensamentos que os motivam. Uma das passagens poéticas que melhor ilustram este ponto de vista é aquela que descreve o pensamento ou pronunciamento final do protagonista suicida de *Red Cotton Night Cap Country* (1873):

Along with every act – and speech is act –
There go, a multitude impalpable
To ordinary human faculty,
The thoughts which give the act significance.
Who is a poet needs must apprehend
Alike both speech and thoughts which prompt to speak.
Part these, and thought withdraws to poetry:
Speech is reported in the newspaper. (3277-84)

Browning afirma aqui que a poesia deveria idealmente acolher tanto os pensamentos como os atos que deles resultam e que a poesia é sobretudo o meio natural de apreensão daqueles processos mentais que não podem ser capturados através de outras formas de escrita.

Henry Buxton Forman, na sua revista de *The Ring and the Book* (1868-9), dividiu a poesia contemporânea em duas correntes distintas que designou como “Idyllic and Psychological”, identificando o poema maior de Browning como um modelo da segunda destas.¹⁸ E, de facto, grande parte do mesmo, classificado como “The Epic of Psychology”, é dedicada à exploração dos processos mentais patológicos de falantes de carácter moral duvidoso como Guido e seu apoiante Half-Rome.¹⁹ Com esta sequência de monólogos dramáticos, Browning procura construir uma verdadeira teoria de psicologia poética,

¹⁷ Um defensor da escola empirista britânica, Bain propôs que todos os processos de conhecimento e mentais tinham de ser baseados não só em pensamentos e ideias espontâneas, mas em sensações físicas reais. Bain esforçou-se por identificar a ligação entre a mente e o corpo, concentrando-se nas correlações fisiológicas entre os fenómenos mentais e comportamentais. Na sua obra seminal *Os Sentidos e o Intelecto* (1855) e em *As Emoções e a Vontade* (1859), Bain propôs que a psicologia tradicional poderia ser expressa com referência às leis da associação, e que ambos os processos fisiológicos e psicológicos estavam ligados. Estas duas obras permaneceram o texto padrão britânico até o final do século XIX.

¹⁸ H. B. Forman, ‘Robert Browning and the Epic of Psychology’ (1869).

¹⁹ *The Ring and the Book* é um longo poema narrativo dramático, mais especificamente, um romance em verso, de 21.000 linhas. Foi publicado em quatro volumes de 1868 a 1869 por Smith, Elder & Co. Trata de um julgamento envolvendo intrigas na Roma do final do século XVII. Segundo o seu autor, foi baseado num documento real, um livro sobre tal processo encontrado por acaso num livreiro. Um nobre empobrecido, o conde Guido Franceschini, é considerado culpado do assassinato da sua jovem esposa Pompilia Comparini e seus pais, tendo suspeitado que ela lhe tinha sido infiel com um jovem clérigo, Giuseppe Caponsacchi. Depois de ter sido considerado culpado, apesar dos seus protestos é condenado à morte; Franceschini então apela, sem sucesso, ao Papa Inocêncio XII para reverter a condenação.

argumentando que o exame poético dos processos mentais ilumina a verdade essencial de um determinado ato. Características do cérebro figuram ao longo de todo o poema (“His brain-deposit, bred of many a drop”) e, em 1884, como forma de reconhecimento, o neurologista Julius Althaus ofereceria ao poeta uma cópia do seu ensaio acerca de *The Functions of the Brain* (1880).

Apesar de estar associado a Browning em vários aspetos da sua produção poética, A. C. Swinburne (1837-1909) partilha os seus acessos de desespero e alucinatório êxtase com Tennyson. Ele parece dar continuidade à tradição da poesia vitoriana inaugurada por "Porphyria's Lover" de Browning e *Maud* de Tennyson, caracterizada por estados alucinatórios, sofrimento mental, emoções extremas e também pelo erotismo explícito. E como o monólogo dramático foi um dos vários sintomas da transição da idade da introspeção para a era da psicanálise, a poesia de Swinburne deu um passo mais à frente; isto resultou na exploração de perto de estados patológicos, de loucura e perversidade – factores que explicam o ele ser frequentemente apelidado de louco ou perverso. Deste modo, a publicação dos poemas e baladas (*Poems and Ballads*) de Swinburne em 1866 marcou o início da desintegração do género, tal como foi concebido por Browning e outros poetas vitorianos. E. Faas afirma, em *Retreat into the Mind. Victorian Poetry and the Rise of Psychiatry* (1988), que Swinburne se fez porta-voz das suas blasfemas e perversas predileções poéticas (17).²⁰

Enquanto alguns dos personagens de Browning podem ser descritos como ‘apenas’ moralmente insanos, os de Swinburne são *amoralmente* insanos, numa total rejeição da moralidade. Como acontece em Browning, o falante de Swinburne é um ‘pensador’, mas as ações que ele descreve são apenas projeções daquilo que ocorre na sua mente:

Folly and error, stinginess and sin
Possess our spirits and fatigue our flesh.
[...]
Our sins are stubborn, our contrition lax;
We offer lavishly our vows of faith
And turn back gladly to the path of filth,
Thinking mean tears will wash away our stains.
[...]
Truly the Devil pulls on our strings!
In the most repugnant objects we find charms;
[...]
We steal a furtive pleasure as we pass,
A shrivelled orange that we squeeze and press.
Close, swarming, like a million writhing worms,
A demon nation riots in our brains,
And, when we breathe, death flows into our lungs,
A secret stream of dull, lamenting cries.
[...] (41-57)

Neste monólogo dramático, intitulado "A Leper" – que se situa a um pequeno passo do que Freud caracterizaria como ‘paranóia’ ou ‘esquizofrenia’ – estamos expostos a uma variedade de fantasias sadomasoquistas e necrófilas, que estranhamente contrastam com imagens e emoções sublimes e requintadas. Na maioria dos seus poemas, as visões coloridas tipificam uma hipersensibilidade esquizofrénica, característica de pessoas desequilibradas

²⁰ Seja ou não a poesia de Swinburne considerada blasfema e perversa, como Faas sugere, essa é mais uma questão de gosto poético e de moral do que propriamente de juízo crítico.

emocionalmente.²¹ O caso de Swinburne parece, portanto, ser particularmente representativo de uma tendência psicopatológica na poesia final da era vitoriana.

As ligações entre a poesia e a psicologia científica persistiram em muitos casos até à década de 90 de oitocentos, nomeadamente na obra poética de Thomas Hardy, a qual exhibe um interesse constante na psicologia fisiológica e evolucionista.²² Os poetas vitorianos são assim vistos como estando mais inclinados que os seus antecessores a ocupar-se das conceções científicas e analíticas do sujeito, mostrando-se também mais inovadores do ponto de vista formal e estético na sua exploração de questões psicológicas. Concluindo, deveríamos prestar mais atenção à história das abordagens literárias e científicas da mente e à forma como essas histórias se interseitam. Estudiosos das humanidades e cientistas sociais deveriam seguir o exemplo do século XIX e trabalhar conjuntamente no estudo das questões psicológicas de interesse público – tais como as funções do cérebro na experiência estética e emocional, o papel da auto-análise e da introspeção no estudo da psicologia e a própria redefinição de doença mental.

Referências

- ALLEN, Matthew (1837), *Essay on the Classification of the Insane*, London, John Taylor.
- ARMSTRONG, Isobel (1993), *Victorian Poetry: Poetry, Poetics and Politics*, London, Routledge.
- ARNOLD, Matthew (1979), *The Poems of Matthew Arnold*, ed. Kenneth Allott, London, Longman.
- BUCKNILL, John Charles (1855), "Review of Tennyson", *Asylum Journal of Mental Science* ii, 95-104.
- BROWNING, Robert (1981), *The Poems*, ed. J. Pettigrew, New Haven, Yale University Press.
- BURTON, Robert (1998), *The Anatomy of Melancholy* [1621], Oxford, Oxford University Press.
- DOUGLAS-FAIRHURST (2002), *Victorian Afterlives: The Shaping of Influence in Nineteenth-Century Literature*, Oxford, Oxford University Press.
- FAAS, Ekbert (1988), *Retreat into the Mind. Victorian Poetry and the Rise of Psychiatry*, Princeton NJ, Princeton University Press.
- FORMAN, H. B. (1869), 'Robert Browning and the Epic of Psychology', *London Quarterly Review* xxxii, 325-57.
- FOX, William Johnson (1833), "Review of Tennyson - Poems, Chiefly Lyrical - 1830", *Monthly Repository* n.s. vii, 30-41.
- HARRISON, A. H. (2001), *Swinburne's Medievalism: A Study in Victorian Love Poetry*, Manchester, Manchester University Press.
- HOLLAND, Henry (1839), *Medical Notes and Reflections*, London, Longman and Co.
- Lewes, G. H. (1855), *The Principles of Psychology*, Edinburgh, William Blackwood and Sons.
- MILL, James (1992), *Analysis of the Phenomena of the Human Mind* [1829], 2vols., London, Routledge.
- MILL, John Stuart (1995), *Appendix E: Browning's Pauline (1833)*, *The Collected Works of John Stuart Mill, Volume I - Autobiography and Literary Essays* [1824], London, Macmillan.
- RICHARDSON, Alan (2001), *British Romanticism and the Science of the Mind*, Cambridge, Cambridge University Press.
- RUDY, Jason (2006), "Rapturous Forms: Mathilde Blind's Darwinian Poetics" *Victorian Literature and Culture* 34, (Fall), pp. 443-59.
- SWINBURNE, A.C. (1967), *The Complete Poems of Algernon Charles Swinburne*, London, Gardner and Mackensie.
- TATE, Gregory (2012), *The Poet's Mind. The Psychology of Victorian Poetry 1830-1870*, Oxford, Oxford University Press.
- TENNYSON, Alfred (1987), *The Poems of Tennyson*, ed. Christopher Ricks, 3 vols., Harlow, Longman.

²¹ Segundo A. H. Harrison, "The iconoclastic repercussions are twofold: the reader is shocked not only at the outrageously macabre nature and anti-orthodox morality of the events described but also at their apparent historical veracity. Although "The Leper" balances sympathy and judgment, as do most dramatic monologues, our memory of the scribe who speaks here is all the more indelible." (*Swinburne's Medievalism: A Study in Victorian Love Poetry*, 2001).

²² Por exemplo, críticos como Kattie M. Basnett argumentam que os romances de Thomas Hardy, incluindo *Jude the Obscure*, *Tess of D'Urbervilles*, and *Far from the Madding Crowd*, podem ser lidos a partir de um ponto de vista teórico evolucionista. Hardy usa um processo semelhante ao empirismo científico, a fim de retratar a experiência humana completa, para descobrir e compreender as complexidades da condição humana, imbuindo os seus personagens com "fact[s] to be discovered in every body's life".

WILDE, Oscar (1890), "The True Function and Value of Criticism", *The Nineteenth Century: A Monthly Review*. Ed. James Knowles. Vol. XXVIII. July-December, 1890. pp. 123-47, London, Kegan Paul, Trench, & Co.